

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

GABRIELA LOURENÇO FEDEL

IARA MENDES SANTOS

Milena Moretto

**EMOÇÃO E AFETIVIDADE COMO PRÁTICA DOCENTE:
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INTELECTUAIS E
COGNITIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Itatiba

2022

Dedicamos este trabalho a todas as crianças que cruzaram nossos caminhos: para os nossos alunos e futuros alunos, nossos filhos e familiares e todas as demais crianças que irão passar pela nossas vidas.
Foi pensado para vocês e por vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, pela oportunidade de estarmos finalizando mais essa etapa do TCC e concluindo a nossa graduação. Agradecemos às nossas famílias que nos apoiaram desde o início do curso. Agradecemos a todos os professores que passaram por nós durante nossa formação acadêmica, mas principalmente à professora Milena Moretto, muito obrigada pelos ensinamentos, pela paciência e compreensão diante das dificuldades que apresentamos.

EMOÇÃO E AFETIVIDADE COMO PRÁTICA DOCENTE: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INTELECTUAIS E COGNITIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

GABRIELA LOURENÇO FEDEL¹

RA 202109497

IARA MENDES SANTOS²

RA 002201802709

RESUMO

Considerando a situação atual, em meio a uma pandemia global, muitas pessoas foram afetadas, seja financeiramente ou emocionalmente. Essa realidade trouxe grandes impactos no contexto escolar e na aprendizagem. Diante desse cenário, esse artigo tem como objetivo geral compreender que concepções têm o professor da educação infantil e fundamental sobre a emoção e afetividade? Temos ainda como objetivos específicos: 1) Compreender a trajetória profissional desses professores. 2) Compreender como eles narram suas práticas pedagógicas relacionadas à emoção e afetividade. Pautamo-nos, para isso, nas considerações de Henri Wallon para compreender de que forma podemos contribuir para as relações de ensino. Para responder a esses objetivos, realizamos entrevistas narrativas com duas professoras da rede pública do Município Itatiba, de diferentes níveis educacionais (Educação Infantil/ Ensino Fundamental) até mesmo para compreendermos o quanto o trabalho de emoção e afetividade tem tido continuidade para além da educação infantil. Os resultados obtidos, por meio das entrevistas, contribuíram para a reflexão sobre a importância da emoção e afetividade na prática docente e as significações atribuídas nas relações com as crianças estão ligadas à concepção que as depoentes têm de emoção e afetividade.

Palavras-chave: Emoção; Afetividade; Práticas Educativas; Educação Infantil e Fundamental.

INTRODUÇÃO

A pandemia global atingiu todas as classes sociais e trouxe um novo normal. São centenas de professores que tiveram que se desdobrar para dar conta dos novos desafios do ensino a distância. Por um lado, ela proporcionou a oportunidade do avanço tecnológico na educação e, escancarou, por outro lado, os problemas sociais que estavam mascarados tais como: o desemprego, a violência doméstica, a fome, a restrição de recursos, a falta de tecnologia, a depressão além da morte de milhares de pessoas. Conseqüentemente, todas essas fatalidades trouxeram um impacto enorme no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos e, junto dela, a defasagem escolar, a insegurança, o bullying entre outras questões.

¹ Aluno do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

² Aluno do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

Tal cenário mostra o quanto nossas escolas necessitam, ainda mais nesse momento, realizar um trabalho com afetividade e a emoção. A realidade é que, por muito tempo, a escola foi vista como depósito de crianças, reduzindo-as a uma educação bancária e mecanicista. A questão é que não se trata apenas de discutir se afeto e emoção devem ou não ser trabalhados em sala de aula, mas garantir uma educação pautada na afetividade. Por isso, temos como objetivo geral compreender que concepções têm o professor da educação infantil e fundamental sobre a emoção e afetividade? Temos como objetivos específicos: 1) Compreender a trajetória profissional desses professores. 2) Compreender como eles narram suas práticas pedagógicas relacionadas à emoção e afetividade. Para isso, realizamos uma entrevista com uma professora da educação infantil e com uma professora do 1º ano do ensino fundamental.

O presente artigo está construído da seguinte maneira além desta introdução: primeiramente, traz os pressupostos teóricos em que serão apresentados os fundamentos que servem de base para nosso trabalho. Em seguida, apresentaremos a metodologia, em que serão explicitados os procedimentos que serão utilizados na produção e análise dos dados. Na sequência, a análise das entrevistas seguida das considerações finais.

1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A aprendizagem é um processo extremamente complexo, uma vez que é o resultado de diversas causas que se articulam em um só resultado. Em outras palavras, este processo envolve muito mais que competências, comportamentos e habilidades, mas também valores e experiências que adquirimos ao longo da vida. Desta maneira, entender como se dá o processo de aprendizagem e conhecer suas diferentes teorias nos ajuda a compreender melhor como ocorre a construção do conhecimento. Em consequência, como o conhecimento é a chave para nosso desenvolvimento, nos centraremos aqui, em um destes aspectos essenciais, a emoção e afetividade e suas contribuições no processo de aprendizagem baseado na concepção de Henri Wallon. De acordo com Galvão (2014, p. 29),

Wallon admite o organismo como condição primeira do pensamento, afinal toda função psíquica supõe um equipamento orgânico. Adverte, contudo, que não lhe constitui uma razão suficiente, já que o objeto da ação mental vem do exterior, isto é, do grupo ou ambiente no qual o indivíduo se insere. Entre os fatores de natureza orgânica e os de natureza social as fronteiras são tênues, é uma complexa relação de determinação recíproca. O homem é determinado fisiológica e socialmente, sujeito, portanto, a uma dupla história, a de suas disposições internas e a das situações exteriores que encontra ao longo de sua existência.

Nesse sentido, os estudos de Wallon não consideram a criança como um ser dividido, mas como um ser completo, integral, constituído a partir do meio sociocultural em que vive. O autor pauta-se no materialismo histórico-dialético que

[...] vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solidária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente. (GALVÃO, 2014, p.43)

Bezerra (2006, p. 23) salienta que, para Wallon,

o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um aparato cerebral. Pressupõem perceber a dimensão afetiva do indivíduo e trabalhá-la para permitir uma construção cognitiva mais dinâmica e efetiva. Sendo assim, uma teoria pedagógica inspirada em Wallon pressupõe um movimento dialético entre afetividade, emotividade e subjetividade com processos cognitivos, interação social e racionalidade mutuamente imbricada e relacionada em via de Inter determinação.

Essa concepção permitiu conceder o desenvolvimento humano como um processo dialético marcado por interrupção, rupturas e crises; dessa forma, o desenvolvimento do pensamento infantil não ocorre de forma contínua, mas é marcado por descontinuidades, crises e conflitos, uma vez que conflito e contradições fazem parte do desenvolvimento psíquico normal da criança. A criança se desenvolve com seus conflitos internos. Cada estágio estabelece uma forma específica de relação de interação com o outro. É um desenvolvimento conflituoso que não considera o crescimento da criança de maneira linear. Segundo Grandino (2010), Wallon destaca a afetividade como central para a construção do conhecimento e da pessoa. Nos primeiros anos de vida, é ela que garante que a necessidade da criança será atendida pelos adultos, o que torna a afetividade antecedente e até superior aos recursos cognitivos

Wallon detalha minuciosamente as origens orgânicas da emotividade, menos para justificar uma visão biologistas e mais para destacar sua maneira de compreender a natureza humana. Para ele, o ser humano é organicamente social. Isso porque está nessa força da emotividade humana e em seu caráter contagioso e epidêmico as condições para que seja mediada pela cultura, interpretada pelo adulto e promotora, a partir de então, do desenvolvimento cognitivo da criança. Significa dizer que o bebê expressa sua insatisfação por meio do choro, que de início é sua única maneira de relacionar-se. Esse choro mobiliza a mãe e ela o interpreta de acordo com seus valores e significados culturais. A interação entre ambos será responsável pelo desencadeamento das funções cognitivas na criança. (GRANDINO, 2010, p. 37)

A teoria walloniana tem um marco importante no pensamento pedagógico, pois a afetividade não era considerada no processo educativo. Assim, entender a afetividade de forma integral como um agrupamento funcional que se manifesta do conceito orgânico e se obtêm de forma social na relação com o outro é de suma importância para a formação social e integral do indivíduo. A afetividade está em primeiro lugar, porque é através da emoção que a criança faz a comunicação e o intercâmbio com o meio. Ela contribui para seu desenvolvimento e formação como sujeitos mais ativos, participativos, pensantes e independentes. O que se percebe é que, por muito tempo, a escola foi vista como depósito de crianças, utilizando-se de uma educação bancária e mecanicista, em que o educar as emoções ficou relegado à família.

Porém, a questão não se trata apenas de discutir se emoção deve ou não ser trabalhada na sala de aula, pois ela está presente na escola. As emoções são inerentes à experiência humana. Não há viver sem sentir, o papel da escola não deve ser eliminar as emoções difíceis (raiva/medo/tristeza) e deixar só as boas (alegria, felicidade). Na prática docente, o trabalho da emoção tem que estar voltado para que tipo de emoções estão sendo despertadas dentro do ambiente de trabalho e com as pessoas ao redor. Deve-se considerar identidade, a história de vida, a formação e a reprodução daquilo que aprendeu, o contexto/local, contexto/sócio emocional momentâneo que o docente ou discente está inserido.

Considerando que a educação integral é aquela que desenvolve a multidimensionalidade dos seres humanos (dimensões: social, física, intelectual, emocional, ética, moral e simbólica), permitindo que os sujeitos aprendam a ser, aprendam a conviver, aprendam a aprender e aprendam a fazer, o professor assume o papel da criação do vínculo. Ele cria e fortalece o vínculo dele com a criança, da criança com o grupo, com olhar sensível, que mobiliza o grupo para a integração e inclusão, para ensinar que não se desconta as emoções no outro, mas se aprende a lidar com ela, com a prática do diálogo, possibilitando que a criança vivencie papéis diferentes, resultando em crianças mais bem resolvidas para aprender e uma sociedade certamente melhor.

Fato é que ao lembrarmos dos professores e professoras que nos marcaram, positivamente ou negativamente em nossa formação, podemos afirmar que o impacto da comunicação/relação humanizada ou falta dela, no processo de aprendizagem tornaram-se significativas e tiveram um destaque em nossas vidas. Dessa forma concluímos que o trabalho com as emoções, gerenciadas de forma equilibrada e sadia, propicia aprendizagens benéficas e prazerosas, componentes indispensáveis para o desenvolvimento intelectual e cognitivo de todo aluno.

2 - METODOLOGIA

Diante da realidade que estamos vivenciando, com a pandemia e o retorno gradativo das aulas presenciais, após um ano de aulas remotas, esse artigo busca responder a seguinte questão de investigação: Que concepções têm o professor da educação infantil e fundamental sobre a emoção e afetividade? Pautando-se em uma pesquisa de cunho qualitativo, temos como objetivos específicos: 1) Compreender a trajetória profissional desses professores; 2) Compreender como eles narram suas práticas pedagógicas relacionadas à emoção e afetividade.

A motivação para trabalhar com a temática sobre afetividade e emoção surgiu a partir de nossas experiências na vivência do estágio supervisionado e disciplinas cursadas durante o curso de pedagogia. Sabemos que as emoções são inerentes à experiência humana. Não há viver sem sentir e, nesse sentido, enxergar a importância da emoção e afetividade como prática docente perante o desenvolvimento da criança nos motivou a ir adiante aprofundarmos e investigar sobre tal temática. Optamos por analisar como isso tem sido visto na educação infantil, mas também decidimos entrevistar uma professora do 1º ano do ensino fundamental para verificar se há mudanças na transição da educação infantil para o fundamental. Por isso, realizamos a pesquisa em duas escolas a saber: Uma escola é destinada à Educação Infantil e atende as crianças de 0 a 3 anos, período integral ou meio período. A outra é destinada para o Ensino Fundamental II no período matutino, e Ensino Fundamental I no período vespertino. As escolas escolhidas para realização da pesquisa estão situadas no mesmo bairro, numa região de conjuntos habitacionais CDHU e bairro residencial. Vale ressaltar uma característica em comum das duas escolas, considerando as suas localizações, por se tratar de um local com tráfico de drogas próximo. Outro problema a ser considerado é a desestrutura familiar muito presente na história familiar dos alunos dessas escolas, que durante a pandemia, fez com que outros problemas se acentuassem, como violência, abuso, uso de drogas e bebidas, depressão entre outros. E, por fim, trata-se de famílias que, na sua maioria, é composta sem a figura paterna presente, no qual as crianças são criadas somente pelas mães, tias ou avós.

Entrevistamos duas professoras da rede pública do Município Itatiba, de diferentes níveis educacionais (Educação Infantil/ Ensino Fundamental) até mesmo para compreendermos o quanto o trabalho de emoção e afetividade tem tido continuidade para além da educação infantil. São elas:

Nome³	Formação Acadêmica	Quanto tempo atua	Ano que leciona atualmente
Mara	Magistério, Pedagogia e Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira	9	Berçário II - Alunos de 1 a 2 anos.
Diana	Educação Física, Pedagogia, Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento.	4	1º ano do Ensino Fundamental

Para a produção dos dados, recorremos ao instrumento de uma entrevista narrativa, feita de maneira remota através de áudios via aplicativo WhatsApp, devido a impossibilidade do encontro presencial. Para a realização da entrevista, utilizamos o seguinte roteiro:

- 1 – Conte-nos um pouco da sua trajetória escolar e profissional?
- 2 – Conte-nos um pouco o porquê optou pela carreira docente?
- 3- Conte-nos como você trabalha com a afetividade e emoção em sala de aula?
- 4- Poderia nos contar algumas experiências que você viveu que envolveram a afetividade e a emoção?

Além do roteiro previamente estabelecido outras questões surgiram a partir das narrativas dos depoentes. Enfatizamos que, em uma entrevista narrativa, todas as suas fases têm sua importância e contribuição para investigação desde a preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas e, por fim, a fala conclusiva que serviram de base para análise dos dados.

Após a realização das entrevistas, procedemos com a transcrição de cada uma delas, uma vez que ambas foram audiogravadas. Isso se fez necessário para que pudéssemos elencar os eixos temáticos de análise que foram definidos a partir das convergências e divergências da fala das professoras. Nossas análises, portanto, centrar-se-ão em dois eixos: 1) A trajetória acadêmica e profissional das professoras e 2) As concepções de emoção e afetividade assumidas pelas professoras e como estas afetam suas práticas pedagógicas.

³ Os nomes dos sujeitos participantes são fictícios para preservar a identidade de cada um deles.

3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos as nossas análises a partir das entrevistas realizadas com duas professoras - uma da Educação Infantil e outra do Ensino Fundamental I sobre a emoção e afetividade no contexto escolar.

3.1 A trajetória acadêmica e profissional das professoras

Ao longo da trajetória de vida, a ação educativa tem um papel fundamentador em nossa formação. O ingresso na vida escolar, desde a educação infantil, possibilita a ampliação das referências, dos saberes, das linguagens e das relações, adaptação ao ritmo da escola e novos critérios de convivência social. Diante disso, trazemos nas narrativas das professoras sua trajetória acadêmica e o que as motivaram pela escolha da docência.

[...] me formei em 2004 no magistério, e desde 2004 eu já ingressei na rede como estagiária e depois de estagiária eu fui contratada na prefeitura, e de contratada eu fui efetivada a 10 anos. E aí dentro da rede, já trabalhando com a educação infantil, eu tive a oportunidade através de bolsa de me formar em pedagogia é, e fiz uma pós em história e cultura afro-brasileira. (Mara, EN, 20/03)

Sobre o que motivou a escolha pela docência, Mara relata que:

[...] no último ano no 2º grau quando eu estava no 2º ano do normal, foram uma turma do magistério fazer propaganda na escola do curso deles, e aí eles falaram assim que quem quisesse podia sair do 2º ano e ir para o 3º na unidade onde tinha o curso e faria o 3º e o 4º ano e já sairia com a profissão de professora, e aí eu e meu grupo de amigas resolver ir fazer esse magistério. Só que daí eu peguei e fiz a inscrição, me matriculei, pedi transferência tudo e as meninas não fizeram, então eu fui a única que fui para o magistério e aí chegou na metade do ano eu queria desistir, mas enfim minha mãe teimou e me fez ir até o final. (Mara, EN, 20/03)

Dando continuidade a entrevista, agora com a professora Diana, podemos perceber, o desejo pela docência desde pequena, quando questionada sobre o que a motivou pela carreira da docência a mesma nos relatou:

Eu sempre gostei é optei pela carreira docente porque eu sempre, eu sou apaixonada pela educação e pela sala de aula, sempre fui uma boa aluna na época em que eu estudava, e quando eu me formei e tinha que optar por uma faculdade eu não pensei duas vezes em fazer e optar pela carreira docente, gosto do que eu faço, sou apaixonada pelo que eu faço e acho que é importante quando você escolhe uma profissão é você se apaixonar por ela e fazer o que você gosta. (Diana, EN, 30/03)

Quanto sua trajetória acadêmica e profissional, Diana optou inicialmente por um outro segmento e somente depois foi para a sala de aula, como afirma abaixo:

[...]depois do ensino médio estudei administração no Rosa Perrone Scavone, tenho duas formações a primeira faculdade foi educação física na USF de Bragança Paulista, finalizei

a graduação e comecei a pós-graduação em educação física escolar, por conta do estágio que realizei quando estagiava, fiz pedagogia na faculdade anhanguera, me formei em pedagogia, logo após a finalização fiz uma pós-graduação em alfabetização e letramento. (Diana, EN, 30/03)

Nessa fala, podemos ver outras nuances e vertentes na escolha pela docência, que diferente da primeira professora, que nem sequer pensava na ideia de ser professora. Vale ressaltar a fala das duas professoras quando dizem:

"[...] e o que eu mais gostei, foi quando depois que eu fiz a faculdade, foi estar em sala de aula né, foi fazer estágio, fiz estágio em sala de aula eu realmente me identifiquei, estava no lugar certo."(Diana, EN, 30/03)

"[...] e com o tempo no último ano eu peguei o gosto quando eu fui fazer estágio né, eu comecei a gostar mesmo desse pensamento de ser professora e me formei..."(Mara, EN, 20/03)

Na primeira fala, da professora Diana, dentro do estágio, ela conseguiu se encontrar dentro da profissão. Já a segunda professora, Mara, mesmo com perspectivas distintas, pôde-se visualizar como professora durante o estágio. Dessa maneira, vemos a importância do estágio em nossa trajetória acadêmica e o quanto ele contribui para reflexão da teoria e prática da nossa formação e influência nas nossas decisões futuras. Dominicé (1979) corrobora esse conceito quando diz: "não há formação sem modificações, mesmo que muito parcial, de um sistema de referência, ou de um modo de funcionamento."

3.2 Concepções de emoção e afetividade relacionadas às práticas pedagógicas

Ao estudarmos os conceitos de afetividade por Henri Wallon (apud GALVÃO, 2014), a afetividade é colocada como um dos principais aspectos do desenvolvimento infantil, considerando as dimensões que compõem a vida psíquica - motora, afetiva e cognitiva, que atuam de forma integrada. Assim, o bebê desenvolve suas dimensões afetivas e cognitivas com base num estímulo afetivo e, dessa forma, o processo de evolução está sujeito a capacidade biológica ou ambiente em que o sujeito está inserido, que o afeta de alguma forma. Diante disso, buscamos, ao longo das entrevistas, compreender a concepção que as professoras têm sobre a emoção e afetividade e como narram suas práticas pedagógicas relacionadas ao tema emoção e afetividade.

Nas falas da professora Diana, vale ressaltar que ela menciona o trabalho com a afetividade e emoção em sala de aula:

"[...] você vê a importância que o professor tem dentro da sala de aula com as crianças, principalmente com os pequenos, eles se apegam muito, a gente sofreu muito com a pandemia com relação ao abraço, ao chegar mais perto, porque eles sentem essa necessidade, eles sentem confiança no professor, confiança em contar tudo que se passa com eles, eles querem contar para o professor, e eles são muito,

*a criança né, ela é muito **sincera** naquilo que ela sente, **a emoção delas é muito sincera.** (Diana, EN, 30/03)*

Emoção sincera são palavras que definem exatamente a relação da criança com as emoções. Assim como a professora relata a necessidade de proximidade, da falta do abraço, vemos como os outras manifestações afetam nossas vidas e o distanciamento teve um impacto grande na vida das crianças pequenas, ainda mais nessa fase transitória e tão significativa para eles: de ingressar no ensino fundamental, muitas vezes, em uma escola nova, com pessoas diferentes, com a realidade alterada diante das consequências deixadas pela pandemia (desemprego, perdas e mudanças pessoais significativas na estrutura familiar dessa criança). Esse olhar sensível para a criança, sua história de vida está presente na fala da professora Mara, quando ela diz:

[...] ao longo do meu trabalho de educação infantil e educação básica, eu descobri internamente a paixão pelas histórias, memórias e o lúdico de cada aluno, cada ser individual e ver o desenvolvimento de cada criança através das histórias dos relatos e da vivência fez com que eu talvez tivesse mais empatia é pelas vivências né, e ter esse olhar de entender o porquê um pouco mais além do que só a pedagogia é né, e entender também a criança pelo lado humano pessoal, emocional, sentimental né, tendo um olhar para as necessidades da criança... e não escolher né, enxergá-los como família. (Mara, EN, 20/03)

Esse vínculo proporciona momentos oportunos para o trabalho da emoção como prática docente, no qual o aluno adquire aprendizados que ficarão marcados para sempre em suas vidas. E isso é bem notável, quando nós quanto adultos somos questionados sobre nossas memórias de infância, sobre nossos professores. Sempre temos em mente algo que nos marcou para o resto de nossas vidas, seja positivo ou negativo e isso demonstra como essas ações ainda com os pequenos se tornam significativas durante sua história de vida e todo esse processo de construção de relações e enfatizado na fala dessa professora quando cita:

[..] quando eu chego na sala de aula, são todos meus filhos é, e eu cuido, eu preparo, eu quero encaminhar para o melhor caminho, eu quero que tenha as melhores vivências, é como uma mãe e um filho mesmo.”(Mara, EN, 20/03)

Diante disso, podemos notar o quanto a concepção da relação de afetividade na fala dessa professora está estritamente ligada ao cuidado, ao zelo, ao carinho, responsabilidade, considerando ser uma relação que excede o muro da escola, porém acreditamos que não se aproxima tanto do conceito referenciado por Wallon porque esse autor faz referência ao que afeta o sujeito em um processo de interação. Essa definição de emoção e afetividade norteiam nosso trabalho e servem de base para que possamos ter a visão de afetividade ampliada, para além do cuidar, do carinho. A citação abaixo corrobora este conceito:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimo. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. (GALVÃO, 2014, p.61)

A afetividade vai muito além do abraçar, beijar, pegar no colo, fazer carinho. Na verdade, a prática de afeto está englobada pela educação afetiva, mas é uma parte pequena. De nada adianta a gente abraçar, beijar, dar carinho se quando a criança começa querer a explorar o ambiente, começa a querer brincar com a panela do armário, começa a tirar a roupa da bolsa do lugar para mexer, explorar para brincar, para conhecer a gente dá uma bronca, afasta, diz que não pode, manda guardar tudo e parar com isso. A educação afetiva entende que explorar é desenvolver-se, explorar o ambiente, mexer nas coisas. A afetividade leva em conta que a criança é um ser humano capaz de opinar, de ter desejos, ideias e pode participar na criação de regras, de tomar decisões, de liderar em alguns momentos, como a roupa que vai vestir, a comida que vai comer dentro das disponibilidades e dentro do que é saudável oferecer opções para que a criança assuma esse espaço de liderar. Se faz necessário a escuta singular dando ênfase à subjetividade, a educação afetiva é democrática, permite que todos os envolvidos, independente da faixa etária, tenham vez e voz. É preciso que esse conceito de afetividade seja amplo para que o professor possa nortear o seu trabalho de forma clara. Na fala da professora Mara, por vezes repetitivas, nota-se o quanto esses aspectos precisam ser mais explorados quando a mesma diz:

[...] as crianças às vezes mexem com nosso emocional, quando você vai dar uma bronca e eles mandam beijo de uma maneira carinhosa e você não sabe o que faz, se continua dando a bronca ou se abraça. (Mara, EN, 20/03)

Apesar dessas contradições, é notável o comprometimento da professora Mara com o futuro dos seus alunos e em proporcionar a eles vivências significativas para a vida compreendendo a responsabilidade de suas ações como docente para com a vida deles.

Em contramão, ressaltamos a fala da professora Diana quanto ao seu trabalho em sala de aula:

[...]eu procuro sempre com relação a parte pedagógica incentivar o aluno, sempre né diante daquela dificuldade que ele está e naquela atividade, se está com dificuldade ou não, a gente encontra alunos com mais dificuldades, alunos com menos dificuldades... Na segunda feira é um dia que de repente pedagogicamente você perde um bom tempo, porque eles querem contar mesmo o que eles fizeram no final de semana, e você tem que ter olhos atentos e ouvidos abertos, para ouvir o que eles têm para falar... prestar bastante atenção e é nessa atenção que você tem que às vezes você consegue identificar uma coisa que precisa ser trabalhada ou não, precisa ser conversada ou não. (Diana, EN, 20/03)

Essa fala vem de encontro com o que estudamos, e quando ela cita essa “perda de tempo”, talvez deveria ser substituído por “ganho de tempo” mais proveitosa dentro de sala

de aula, pois como a professora mesmo diz, são nesses momentos que as dificuldades são notadas e, por fim, podem ser trabalhadas.

O exercício de reflexão e avaliação que o professor faz das situações de dificuldade, buscando compreender seus motivos e identificar suas próprias reações (se ficou irritado, assustado ou indiferente) já é, por si só, um fator que tende a provocar a redução da atmosfera emocional. Afinal, a atividade intelectual voltada para a compreensão das causas de uma emoção reduz seus efeitos. Atuando no plano das condutas voluntárias e racionais, o professor tem mais condições de enxergar as situações com mais objetividade e então agora de forma mais adequada. (GALVÃO, 2014, p.104)

Quanto às experiências e vivências relacionadas à emoção e afetividade, a Mara nos respondeu:

[...] Quando as mães vêm na escola e fala, olha no final de semana ele chamou a Prô, demonstra que sentiu falta que sente falta e que gosta da presença da gente né, quando a mãe chega na porta ele não quer ir embora, quer ficar com a gente é que mais, são bastantes situações que eu presenciei que faz eu gostar cada vez mais da pedagogia, da educação, de trabalhar com pessoas, eu vejo esperança nas crianças e eu gosto disso. (Mara, EN, 20/03)

Novamente na fala da professora Mara, vemos o quanto se repete essa concepção de que a afetividade está relacionada com o cuidar, com o apego, abraço, o gostar o sentir falta. Já nas falas da professora Diana, quando questionada sobre experiências e vivências relacionadas à emoção e afetividade, vemos uma concepção mais próximas da que é concebida por Wallon quando Diana diz:

Quando eu pensei em experiências que eu vivi relacionada à afetividade e emoção, lembrei de um situação ano passado com um aluno meu, a gente já estava em pandemia, eles voltaram aos poucos, e depois em agosto que a sala voltou inteira, e a mãe relatou para mim que um dos meus alunos estava com muito medo de dormir e que ele dormia junto com o pai com a mãe a noite, e naquela semana que ela relatou eu tinha contado para eles uma história do medo de escuro, que não precisa ter medo, se tivesse medo era só pra acender uma luzinha, envolvendo todo um contexto para gente não ter muito medo, e depois que eu contei essa história ele passou a dormir sozinho e a mãe veio relatar pra mim.

Daí por isso que eu falo a importância, as vezes a gente conta a gente fala sem saber do que se está se passando né, eu não sabia que ele estava nessa situação em casa e foi uma das experiências que eu vivi e foi muito gratificante. Depois ela me mandou um áudio contando o que eu tinha falado para ele, o que eu tinha contado que ele perdeu esse medo e foi uma história que eu trouxe para eles na sala de aula que eu contei que fez ele mudar essa postura que ele estava tendo, esse medo.

Então eles acabam se apegando mesmo na gente, eu acho que experiências são várias, principalmente na alfabetização, a alegria que você sente tanto professor e vê eles sentindo quando eles começam a ler. Eu tive alunos, não foi no ano passado, foi anos atrás, que eu dei aula no 2º ano também, que não sabia ler, e depois ela me ligava, ela me mandava áudio dizendo que eu a ensinei a ler, que ela estava muito feliz, o quanto isso foi importante para ela, e a gente percebe isso mesmo né no dia a dia, a alfabetização traz um ganho muito grande e é muito gratificante, quando você vê a criança avançar,

quando você vê ela descobrindo esse mundo para ela, das letras, das palavras, da leituras o quanto ela se encanta o quanto isso é gratificante para gente vê esse trabalho né, então é tudo isso, é uma mistura de emoções, tanto do professor quanto do aluno, a afetividade que você tem essa proximidade que você tem com o aluno o quanto você vê, esse seu trabalho dando frutos, quando se trabalha com amor, o quanto você vê isso florescer, o quanto isso dá frutos bons. Experiências são várias, principalmente na alfabetização quando as crianças começam a ler, o quanto ela fica feliz, e o quanto ela passa isso tudo para o professor, que foi o professor que conseguiu, e na verdade foi a criança, a gente desenvolve o trabalho, mas quem faz essa conquista é eles mesmo né. (Diana, EN, 30/03)

Como observa, Galvão (2014):

[...] nas interações marcadas pela elevação de temperatura emocional, cabe ao professor tomar iniciativa de encontrar meios para reduzi-la, invertendo a direção de forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar contagiar pelo descontrole emocional das crianças, deve procurar contagiá-las com sua racionalidade.

Concluimos assim, que as significações que as professoras atribuem em sua relação com as crianças estão ligadas à concepção que elas têm de emoção e afetividade e como suas ações: postura, pensar no que ela vai falar, preparar o espaço para trocas (fala, escuta), contação de história, se vão contribuir para despertar os sentidos das crianças. Sendo assim, embora a emoção e afetividade sejam concebidas de forma diferentes nas falas das depoentes, percebemos no ensino fundamental o modo que a professora demonstra afeto de forma significativa, em que a professora proporciona e oportuniza momentos e vivências nas quais o aluno pode expressar suas emoções, sentimentos e ideias, para que haja um bom desenvolver no processo de ensino e aprendizagem. Na educação infantil, esse processo está atrelado ao cuidado, para que o aluno se sinta acolhido, protegido e quando trabalhado esses laços de afeto e emoção, permite que os alunos se tornem sujeitos acolhedores e do bem. De modo geral, ambos têm a mesma finalidade de preparar os alunos para se tornarem cidadãos de bem, responsáveis, honestos e críticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pautamo-nos nossa pesquisa nas considerações de Henri Wallon para discutir nosso objeto de pesquisa que volta-se para a afetividade e emoção no contexto escolar. Para isso, realizamos entrevistas narrativas com duas professoras da rede municipal de Itatiba sobre suas concepções sobre esses conceitos e como eles subjazem às suas práticas pedagógicas. Partimos do pressuposto de que tais percepções foram construídas social e historicamente. Por essas razões, em termos metodológicos, optamos por entrevistar duas professoras de diferentes níveis educacionais, uma atuante na educação infantil e outra que

atua como professora do ensino fundamental, em particular do 1º ano dos anos iniciais, para compreender como o trabalho da emoção e afetividade funciona nessa fase transitória de ciclos.

Ao longo do percurso investigativo, algumas questões relacionadas às respostas oferecidas por esses sujeitos conduziram o avanço da própria análise empreendida ao longo desta pesquisa. Indagamo-nos sobre as possíveis contribuições que o exame das trajetórias de vida e conceitos discutidos poderia nos oferecer. Perguntamo-nos se a resposta dada pelas depoentes poderiam nos propiciar as condições certas para fazer emergir uma maior compreensão sobre essas percepções. É verdade que existem diversas perspectivas que abordam o tema tratado, do quanto as emoções interferem no trabalho pedagógico. Não se trata apenas discutir se a emoção deve ou não ser discutida em sala, pois ela está na escola e não deve ser ignorada. Então o professor assume a responsabilidade de adequar o ambiente escolar, que possibilite e atenda as necessidades das crianças. Para isso, o professor precisa compreender como o trabalho da emoção na sua aplicabilidade pode contribuir na prática docente dentro do ambiente de trabalho e como as pessoas se relacionam.

Dessa forma os resultados obtidos, por meio das entrevistas, contribuíram para a reflexão sobre a importância da emoção e afetividade na prática docente. As significações que se atribuem na relações com as crianças estão ligadas às concepção que as depoentes têm de emoção e afetividade, e como suas ações como: postura, o pensar, o falar, o ouvir, o preparar o espaço para trocas (fala, escuta), contação de história, acolhimento, práticas de afeto, vão contribuir para despertar os sentidos das crianças. Sendo assim, a emoção e afetividade são concebidas de forma distintas nas falas das depoentes: uma concepção atrelada ao modo que as práticas de afeto são narradas de forma significativa pela professora de educação infantil, num contexto que espera-se investimento da esfera afetiva, funcional, cognitiva, linguística e de ajustamento pessoal. Em contramão, vemos essa relação sendo estabelecida de forma em que a outra professora proporciona e oportuniza momentos e vivências a partir das quais o aluno possa expressar suas emoções, sentimentos e ideias, para que haja um bom desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, o que está mais próximo da base teórica que norteia nosso estudo.

O que se percebe é que, por muito tempo, a escola foi vista como fornecedor de conteúdo e transmissão de conhecimento e o educar, as emoções ficaram relegadas à família. Então ter uma escola preparada para isso, pensando nisso é o que forma o ser humano integral, uma vez que a escola tem a função social de se trabalhar com a emoção, possibilitando o desenvolvimento de crianças mais bem resolvidas para aprender e uma sociedade certamente melhor.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Ricardo José Lima. **Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção.** Didática Sistêmica, v. 4, p. 20-26, jul./dez. 2006.
- DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns componentes relacionais (1985). In: FINGER, Mathias & NÓVOA, Antônio (Orgs.). O Método Biográfico e Formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Izabel Galvão. 23. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. – (Coleção Educação e Conhecimento)
- GRANDINO, Patrícia Junqueira. **Wallon é a psicogênese da pessoa na educação brasileira.** In: Gratiot-Alfandéry, Hélène. Henri Wallon. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 2010, p. 31-42.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade nas práticas pedagógicas: Temas em Psicologia** – 2012, Vol. 20, nº 2, p.355 – 368.

